



Gaiato

5 DE AGOSTO DE 1972

ANO XXIX — N.º 741 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

16 DE JULHO

● 16.º Aniversário do «nascimento» de Pai Américo

ESTE dia que o Senhor fez é muito rico para nós de motivos de acção de graças, de louvor, também de prece e de propiciação: A grande Família celebra o nascimento para o Céu do Pai que a gerou em Nome e pelo poder de Deus.

Já não é enigma nem inquietação que a Fé explique e sossegue «o que será depois...». Dezasseis anos são muito pouco, mas o suficiente para demonstrar aos tímidos que nas Obras de Deus, só Ele é necessário. E como Deus não morre... E como Deus não falta aos que n'Ele confiam... E como Deus é Pai tão solícito e amoroso que «tem contados os cabelos da nossa cabeça e não permite que um só deles caia sem ser por designio de salvação» — imagem de Jesus no Evangelho — só aos desgraçados profissionais do temor é natural o tremor. Ajude-nos Deus a ser fieis e valentes, dignos do Pai que, em Seu Nome, em gerou. Como ele: «alegres na esperança; pacientes na tristeza; constantes na oração; cuidadosos das necessidades dos irmãos; hospitaleiros; capazes de bendizer, não de amaldiçoar; rindo com os que riem; chorando com os que choram; humildes; preocupados em fazer o bem diante de todos; vivendo em paz, quanto de nós dependa, com todos os homens».

Vale a pena meditarmos na grandeza divina de um homem tão densamente humano, como foi Pai Américo. «Servo bom e fiel» do «Único que é Senhor e Mestre», do «Único que tem palavras de Vida Eterna» — a Quem havia ele de ir buscar a fecundação que o faria frutificar nesta vida para a Eternidade?!

Eis a resposta-resumo a todas as perguntas que se possam formular: Discípulo, Servo, bom e fiel, do Único que é Mestre e Senhor. E como o Mestre disse aos Seus discípulos: «Já vos não chamo servos, mas amigos»; e como ao amor se responde com amor — já não, somente, discípulo e servo, mas amigo, totalmente amigo, exclusivamente comprometido com o seu Senhor.

Ouçamos o próprio Pai Américo confidenciando-nos a sua experiência de Cristo, o «Apaixonante que nunca deixou — nem deixará — pelo tempo em fora, de fazer apaixonados»:

«Os padres da rua podem não ter carismas sensíveis, nem os olhos e ouvidos dos primeiros Apóstolos; mas são da mesma paixão e gastam-se como eles, em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo.

São homens de vida interior, que, por si mesmos se submetem aos conselhos de Cristo Nosso Senhor, como se O tivessem visto, ouvido e conhecido na Sua vida mortal.

Foram escolhidos... Devem guardar e fazer render o dom da escolha, na fragilidade das suas misérias.

... Mergulhe cada um na vida escondida do Mestre, onde necessariamente encontra as mais virtudes que o fazem crescer em graça e em santidade.

Só podem crescer e caminhar na medida em que se convençam das maravilhas que Deus opera pelas suas passadas e as preguem ao mundo. Doutra maneira seria desperdiçar.

Por isso, saibam esconder-se em seus escritos, suas falas e

Continua na SEGUNDA página



E a casa-mãe da nossa Aldeia do Cavaco (Benguela) — airosa e donairosa!

Areias do Cavaco

Quadros da nossa vida — Ocupámos as novas instalações. Os cronistas já o disseram. Duas casas de 1.º andar receberam os felizes habitantes que, juntos aos 12 mais pequenos, perfazem o número de 125. Foi acontecimento importante na nossa vida. Motivo, com certeza, para festa grande. Vivemo-lo, porém, com muita simplicidade. Primeiro, à volta da mesa do Altar, onde tivemos espiritualmente presentes os amigos que sofrem connosco e connosco se alegrem. Foi o momento de dizer o porquê da nossa felicidade.

Somos felizes quando fazemos os outros felizes. Estamos contentes por ser possível pôr ao serviço destes filhos os meios necessários para os fazer felizes. Este o motivo da nossa alegria.

Não estamos sòzinhos. Ai de nós! Connosco está uma multidão. Nesta parcela onde fomos plantados, sentimos o bafo acalentador dos que nos rodeiam.

Estamos, porém, inquietos. Interiormente vivemos consumidos. E a tensão aumentou a partir do momento em que tomámos posse das casas novas, com janelas rasgadas, por onde entra a luz do

sol purificador e o ar que refresca. Não conseguimos dormir tranquilos nas camas feitas pelas mãos deles com tamanho gosto. Porquê? Porque ao nosso lado vemos cubatas onde não entra o sol nem o ar nem o aconchego do lar. Vemos uma promiscuidade horrorosa. E pior que tudo isto, a mentalidade de que «assim serve muito bem». Tarefa enorme diante de nós! Como podemos viver tranquilos? Como poderemos dormir em paz?

Há uma necessidade premente de nos sensibilizarmos para este gravíssimo problema, raiz de tantos e tão grandes males. Não há muito tempo, os jornais e a rádio deram grande destaque a uma iniciativa do Município do Lobito, logo secundada por algumas entidades com possibilidades financeiras, como primeiro passo para a solução do problema habitacional da gente pobre.

Continua na TERCEIRA página

LOURENÇO MARQUES

A despesa total deste mês de Junho atingiu os cento e cinquenta contos. A soma da folha de férias desta semana, primeira de Julho, passa de treze. São as obras que vão em bom ritmo para que em Outubro possamos ocupar as novas casas. Temos aguentado até hoje esta sangria, com o apoio oportuno das ajudas aqui anunciadas, mais outra bastante avultada que nos mandou a Obra na Metrópole. Somos uma obra missionária que, como todas aqui em Moçambique, têm apoios fortes no Velho Continente.

Ansiámos chegar ao fim sem dívidas, pesadelo temível que repudiamos, não para fugir a sofrimento, mas porque é sempre necessária uma reserva moral em grande dose para os muitos outros que a vida dos rapazes traz às nossas mãos todos os dias e às vezes noites sem fim. Podemos fugir às dívidas. Mas esses problemas que são muitos e só nossos, negligenciá-los seria abdicar do essencial.

Chegou-nos hoje o orçamento para extracção e bombagem de água para a Aldeia. São sessenta e seis contos, sem

falar em canalizações exteriores e baixada eléctrica.

Estamos a trazer por conta, tinta da CIN que ultrapassará de longe os cinquenta na hora das contas. Os vidros vão ficarmos em treze: O fogão em cinquenta. E já não penso montar apetrechos de cozinha e copa. Da instalação eléctrica não sei nada ainda.

É uma hora de provação para a minha fé, que neste momento, como sempre, é serena, confiante e firme, mas precisa de ajuda.

Estou a lembrar-me: Se cada

Continua na TERCEIRA página

16.º Aniversário do «nascimento» de Pai Américo

Cont. da PRIMEIRA página

tudo quanto seja expressão, para que a Obra de Deus respalde e converta.

Sem Humildade nada.»

Em dois traços, teríamos assim esboçado o retrato divino do homem. Mas vamos olhá-lo um pedacinho mais. Vamos vê-lo através da palavra da SABEDORIA, que o velho Missal acomodava aos Confessores não pontífices, da qual fizemos a primeira leitura desta Eucaristia.

«Feliz o homem (...) que não correu atrás do ouro, nem pôs a sua esperança no dinheiro e nos tesouros (...) porque fez coisas maravilhosas em sua vida».

Este porque não está copulativamente relacionado com o contexto; é puramente

causal: Feliz, porque fez coisas maravilhosas; e fê-las, porque não correu atrás do ouro, nem pôs a sua esperança nas grandezas deste mundo. De resto, o versículo seguinte tal confirma: «Porque foi provado pelo ouro e encontrado perfeito, terá uma glória eterna».

O ouro (e todo o poder humano que ele significa) é bem a pedra de toque dos homens de Deus, dos homens que confiam só em Deus, às vezes até ao humanamente impossível, como Abraão — e por isso fazem coisas maravilhosas em sua vida e se tornam pais de uma fecundidade incontável, como as areias do mar. Não é, pois, apenas em sua vida que fizeram coisas maravilhosas. Quando deixam a vida pela Vida, as maravilhas que fizeram permanecem, «porque os seus bens foram assegurados no Senhor»

e, conseqüentemente, «toda a assembleia dos Santos — e nela incluo a multidão imensa dos homens bons que ignoram a sua Fé — há-de celebrar os seus feitos».

Eis-nos a realizar esta celebração, consumando a nossa Fé (aliás bem nutrida pelos factos constantes da nossa vida) a presença do grande Ausente, tão grande que pôde gerar, em Nome e pelo poder de Deus, uma Obra tamanha e crescente — e deixá-la, fisicamente, sem lhe fazer falta!

Apasionante sim, mas terrível, a nossa responsabilidade actual. Que o Senhor nos dê semelhante graça de servirmos até ao fim como se tudo dependesse de nós, mas na consciência humilde — logo: certa e justa — de que não somos válidos para nada mais do que a medida em que quiser servir-Se de nós.



Casamento do Bernardino e Celeste

Noivado do Zé Ferreira e Teresa

Vivemos, pois, um dia intenso de Festa de Família. Sobram-nos razões para dar graças e louvar a Deus pelo Seu grande amor por nós, pelo Pai que nos deu e premiou junto de Si, cuja fecundidade continua a manifestar-se no crescimento da Família, na multiplicação da descendência, sinal também da presença de Deus no meio de nós, a cumprir a promessa ao Servo bom e fiel que nos gerou em Seu Nome, pelo Seu poder.

Deus nos ajude a corresponder à quantidade de razões que nos oferece para agradecer e louvar, com a qualidade, o melhor possível, das nossas disposições, dos nossos propósitos.

Mas, igualmente, não nos faltam motivos para suplicar, para merecer.

Dois irmãos e duas irmãs se comprometem hoje, aqui, diante de Deus e de nós todos: o Zé e a Teresa pelo voto dos seus Esponsais; o Bernardino e a Celeste pela doação e acolhimento mútuos do Matrimónio.

Que trará o futuro?...

Que gosto dá à vida não o sabermos! Certamente trará horas de alegria e de sofrimento, umas e outras necessárias e portadoras de energias propícias ao crescimento do casal, à maturidade natural e sobrenatural de cada um dos cônjuges, em ordem à realização plena da sua vocação matrimonial e social no «Corpo de Cristo» a que pertencem. Aceitá-las, umas e outras horas, das

mãos de Deus que é Pai, Pai bom que não dá pedras por pão, nem serpentes por peixe; de Deus, a Quem se confia o tempêro dessas mesmas horas, para que nem nos amoleçam por demasiada doçura nem nos desesperem por excessivo amargor — eis a sabedoria do homem e da mulher que têm

Fé e vêm, trazidos por Ela, conscientes d'Ela, ao pé do Altar de Deus, selar o seu mútuo compromisso até à morte; e pedir que, até aos extremos da velhice, seja o próprio Deus a alegria que lhes conservará vivaz a Juventude.

Pedir, porém, seria ainda pouco. Merecer é o exercício de pedir. É o tomar o homem a iniciativa da Salvação, sua e dos outros, como se ela pudesse alcançar-se só pelo seu

Notas de reportagem

Junto do cruzeiro da nossa Aldeia, esperámos a chegada dos noivos. A entrada para a Capela foi assinalada com o pequeno toque da sineta. E a marcha nupcial ecoou. Os nossos cantores contribuíram muito para a beleza das cerimónias, que decorreram com a maior elevação.

Na Liturgia da Palavra, além dos textos da Missa, assinalamos a oportuna homilia do sr. Padre Carlos, que publicamos na íntegra, noutra local. Referiu-se não só ao casamento e noivado, como também, ao 16.º aniversário do «nascimento» para o Céus de Pai Américo.

À hora própria, o Bernardino e a Celeste afirmaram o sim, escutando o silêncio por toda a assembleia; e Zé Ferreira e Teresa fizeram pública promessa de noivado.

Durante a Comunhão — selo da Paz — abeiraram-se muitos da Santa Mesa.

E a Missa terminou com a alegria de costume: abraços, etc. Foi a vez de entrar o fotógrafo mais em acção.

O tempo não era o melhor. Tinha chovido...

Enquanto esperávamos o «tacho», dei uma espreitadela na cozinha. O que eu vi! Tanta azáfama!! Uns, preparando a galinha; outros (os refeteiros), de avental à cinta, prontos ao «ataque». Daqui, dirigi-me ao refatório. Mesas postas o bem compostas. Um lauto banquete!

Surgiu o toque final, para o «prato forte» — a boda. Cada um em seu lugar, fez-se o habitual barulho ensurdecedor. Muito cantarol. Era «tacho» melharado: bom vinho, boa galinha assada; enfim, tudo

melhor. E o fotógrafo bateu muitas fotografias. Todos queriam ser fotogénicos!...

Terminámos a boda entoando um cântico de acção de graças. E com a entrega das prendas aos recém-casados.

Zé Ferreira participou, também, na grande festa da Família. Era o seu noivado.

Para os recém-casados e noivos — José Ferreira e Teresa, que se prometeram uma preparação mais intensa a'ê ao Matrimónio — desejamos as maiores felicidades.

Estas festas são, para nós, motivo de muito interesse. Sobretudo para os que já «olham para a sombra»... Noivado e casamento bem preparados, d'alma e coração — nos dias d'hoje! — são a base indispensável para um lar cristão.

Henrique



Após o casamento, Bernardino e Celeste «posam» para a posteridade.

esforço — sabendo no entanto, e aceitando, que só ouve Deus aquele que pedir.

Como em casa de Lázaro, naquele dia da visita do Senhor, não podemos descurar o papel activo de Marta, nem esquecer «a melhor parte» que Maria escolheu. Assim, a nossa vida, embora seja mais visivelmente acção, deverá ser animada por um espírito permanentemente aos pés de Jesus, a escutá-lo, a assimilá-lo, para que nos não desperdicemos em activismo estéril; antes, a acção nos constitua «luz do mundo», «sal da terra» — conforme à investidura que Cristo nos conferiu e nos foi recordada há momentos pela palavra evangélica de S. Mateus.

Já na 2.ª leitura receberemos a advertência de S. Paulo: «Preocupai-vos em fazer o bem diante de todos». O Evangelho diz-nos agora porquê: «Assim deve resplandecer a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas acções, louvem o vosso Pai que está nos Céus».

Diria aqui que esta razão do Evangelho, para nós, duplica de exigência. Primeiro e essencialmente, e em comum com todos os cristãos, a nossa vida, iluminando o mundo, deve provocar os homens ao louvor de Deus. Mas também, o mais perfeito louvor de Pai Américo será o que nós desencadearmos no coração do Povo, ao modo daquele brado anónimo, saído da multidão que rodeava Jesus: «Bem-aventurado o ventre que Te gerou e os peitos que Te amamentaram...».

Apasionante, sim — torno a dizer — mas terrível, a nossa responsabilidade.

Nenhum de nós é capaz por si-mesmo de se alcandorar a uma tamanha altura. Ai de nós, se não pedirmos! Ai de nós, se não merecermos!

Ai de nós, ao nível da Família que cada um de vós constituiu ou vai constituindo! Ai de nós, ao nível da Família que todos integramos!



Quando atrás falei da «Obra tamanha e crescente» que Deus passou das mãos de Pai Américo às nossas, ao levá-lo para Si, não pensava principalmente na sua extensão no espaço, na progressiva dispersão das pessoas. Queria dizer que a sua capacidade de «revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo» é que deve ser crescente. Pensava, pois, mais em termos de qualidade do que de quantidade. As coisas de valor autêntico, de valor pereene, quanto mais velhas, mais preciosas.

Embora o soprozinho de juventude que nos resta desperte a nossa sensibilidade para as necessidades dos irmãos que de perto e de longe chamam por nós, a razão não deixa calar o eco da voz de Pai Américo: «Jamais a multiplicação das Casas venha nunca a prejudicar a sua unidade».

Quem dera fôssemos mais



Novos leitores de «O Gaiato»

O maço de correspondência da «Campanha de Assinaturas», referente aos últimos meses, acaba de ser colocado em nossa mesa de trabalho. Um senhor maço! E o valor intrínseco de cada presença, de cada postal ou missiva? Que variedade de tons e estilos — com a mesma unidade objectiva! Riqueza incalculável.

● LI «O GAIATO» E FIQUEI ENTUSIASMADO

Uns vêm pelo braço doutros. A maioria. Espumantes. Outros, pelo seu próprio pé. Mais espumantes ainda! Ora oiçam:

«Há já muitos anos que «conheço» a Obra do Padre

Américo. De ouvido apenas. Hoje deparou-se-me «O Gaiato». Li-o e fiquei entusiasmado e quero assiná-lo. Agradeço que mo enviem. Desejaria possuir todos os volumes de «isto é a Casa do Gaiato». Não sei o preço dos livros. Por isso, envio uma nota de 5 dólares.

Infeizmente temos de recorrer à moeda estrangeira para satisfazer compromissos e por vezes necessidades urgentes pois, apesar de tudo se dizer ser Portugal, deparam-se-nos destas «simpáticas» anormalidades que contradizem tudo e todos».

É da Beira e está tudo dito. Ali, os olhos espraíam-se pela imensidão...

Que dizer da aguerrida pleiade de voluntários da «Campanha de Assinaturas» que incendiam tantas almas, dia a dia? Tantas! São testemunhos famosos. Temos pena de os guardar para melhor oportunidade, no «Famoso». Almas que sangram por um Ideal concreto. E fazem de «O Gaiato», verdadeiramente, o seu jornal, o seu tema de meditação — até mesmo o seu púlpito. Espantoso! As nossas mãos ardem e o coração fumeja, quando compulsamos os depoimentos que caem

sob os nossos olhos pecadores.

● MAIS ASSINANTES

«Mais um assinante!...», clamam de Vilar Formoso. «Mais um futuro assinante», gritam de Setúbal. Mais é a palavra d'ordem. O dístico da vanguarda!

No meio da procissão também há lamentos. Ora se não! Delicados. Formosos. Amigos. Olhem para este:

«Peço o favor de enviar o jornal para... Arranjei esta assinatura. Com bastante pesar meu e apesar dos meus esforços não consegui mais...».

É Queluz a chorar. Lágrimas que são fermento; que hão-de gerar fruto. Como, quando, aonde — não interessa. Deus sabe. E isso basta.

Não podemos descrever todas as presenças desta valente procissão. Seria impossível. Temos novos leitores do Minho ao Algarve; de vários países da Europa, da África e das Américas. Passa pela nossa mão a maior parte do mundo! Gotas de vida, que insuflam Vida no «Famoso». E são, realmente, uma das suas partes mais preciosas — senão a mais preciosa.

Vamos para a frente! Vamos continuar a conquistar o mundo. Como? Já falou a todos os amigos, vizinhos e familiares acerca de «O Gaiato»? Não?! Vamos tentar. Oh tentação!

Júlio Mendes

Postal para o Céu

Querido Pai Américo:

Ai! decerto hás estranhado o meu silêncio!

Depois daquela vez... Anos rolaram já: três... quatro... Nem eu sei bem. Perdoa.

Sei é que águas do Sousa então corriam entre choupos e amieiros; que em Cête arfavam máquinas inglesas, seguindo para o Porto ou levando ao Marco, à Régua; que os fios telegráficos deixavam para trás um zunir dos segredos...

Dava ao portão em tardes de domingo e era um mundo em redor!

Um dia foi o Matos quem me entusiasmou a sairmos com os «Batatas». O «João Ratão» fazia parte do grupo, ele e o «Meno», — crianças encantadoras! Tão recreativa excursão, por mim apetecida e eufórica nos olhos dos miúdos! Esboço ainda o quadro como se hoje fora: Na presa, os patos batiam asas e chapinavam; quedavam-

-se os passantes e a estrada se convertia a uns passitos leves; sorriam os frutos nas árvores mais próximas e a aldeia toda era em cantigas:

«Sonha,
que já tens dez anos,
teus feitos de glória
que leste na História
e vais repetir.»

Então, eram águas do Sousa, que cursavam de encontro ao velho Douro.

Hoje, são imbondeiros seculares que fito nas margens do Zambeze. Sento-me à beira-rio e sofro olhando as águas que por estreitos e planícies chegam ao Índico apavoradas...

Hoje, estão os cabelos do jovem que ainda sou, expostos a sol ardente! Sol que oprime, limita, mas não me diminui.

Disseste um dia que não suaras sangue, mas que sabias o gosto do martírio. Esse martírio... Pai, a mesma dor é tão diversa! E se pensarmos bem, tristemente concluímos que há um martírio na vida de cada um dos mortais. Vale a pena passarmos por ele. Muitos são aqueles que se apoucam, limitando a um fútil passar de dias a sua missão de rotina; porém, nós — com o que somos e animados por uma sã Doutrina, pondo em cada dia uma esperança renovada e alimentando uma fé antiga e nova na luta pelo Amor, havemos de deixar no Tempo uma partícula de nós mesmos, a qual, por ínfima que seja, unida a outra e outra... se tornará maior; tanto assim que ocupará uma porção de Terra e valerá humanos seres a despontar para a vida.

Legaste-nos um desígnio que, cristãmente válido, nunca nos cansa.

Longe de nós (ou nós longe de ti), não te esqueças de que tens sempre um lugar posto na mesa em que tens parte. E se resulta da tua Partida algum remédio à Saudade que em nós ficou, que essa porção de Terra que a OBRA ocupa se torne uma Nazaré próspera na missão de FAZER DE CADA RAPAZ UM HOMEM!

Saudades muitas de toda a Comunidade.

Santos Silva

para fazermos mais! Contudo, mais importante (mais imediato e mais ao nosso alcance!) é sermos melhores, para fazermos melhor o que podemos e merecermos, mais e melhores, os que nos hão-de ajudar «até ao desgaste final» — a hora que o Senhor marcou para deixar de Se servir de nós, na qual providenciará à nossa rendição.

Que esta Eucaristia, em Si-mesma de valor infinito porque centrada em Jesus, cuja presença real sacramentalmente actualizamos para honra de Deus e alimento nosso, reúna em torno de Pai Américo, vivo no Céu e nos nossos corações, e dos seus filhos Bernardino e Celeste, José e Teresa, que hoje dão passo em frente — tão definitivo, os primeiros; tão sério, os segundos — que esta Eucaristia nos reúna, aos aqui presentes e a todos os membros da Família dispersa por esse mundo, em comunhão de profunda Caridade, a qual, e só Ela, tornará agradável a Deus a nossa acção de graças, o nosso louvor e aceitável por Ele a nossa prece, a nossa vontade consciente e sincera de merecimento.

Lourenço Marques

Cont. da PRIMEIRA página

assinante de Moçambique saldasse este ano a sua assinatura com cem escudos, quase recobríamos. Não espero, porém, que seja assim. Muitos não nos lêem. Espero sim, que seja Deus a dar o pensamento ou a encaminhar os nossos passos para

quem nos possa dar a mão.

Ando desde o princípio do ano a caminhar para uma casa que prometeu ajuda. A resposta é sempre evasiva, boa só para empatar o tempo. É um Banco onde se trabalha só com dinheiro. E o dinheiro não tem alma e mata a alma das pessoas. Por isso não confiamos no dinheiro. As ajudas mais oportunas e importantes foram sempre desejadas. Vamos a ver. Sei bem que Deus nos ama.

Padre José Maria



Tojal — Na rua eram três estranhos. Agora são irmãos.

AREIAS DO CAVACO

Cont. da PRIMEIRA página

Mas a grande massa não é pobre, é miserável. Despertar essa gente da letargia e do conformismo em que vive, subjugada pela miséria, para a luta por uma vida melhor — é o primeiro passo. Tarefa delicada. Paciente. A longo prazo. Tarefa a levar a cabo com muito amor. Só os simples, os capazes de humildade podem ser obreiros de tamanha iniciativa. Os outros não.

Há muito tempo que não damos notícia do que podes em nossas mãos. Registamos a presença de muitos amigos. Muitos outros desconhecemos. Do Lobito, 100\$ e esta legenda: «Não me agradeçam porque não estou a fazer favor nenhum, estou unicamente a cumprir a minha obrigação como filho de Deus, ajudando os meus irmãos». Mas esta obrigação não é só do cristão, mas de todos os homens. De Luanda, 200\$ da Felicidade e beijinhos para os mais pequeninos. De Benguela um cheque de 10.000\$ com a legenda: «Para a nossa Obra», a traduzir todo o carinho que tem por ela, semelhante ao de um pai por um filho; 300\$ para a assinatura de «O Gaiato»; muitas migalhinhas dispersas; e mais outras dos médicos e doentes da Maternidade, pelas mãos de uma apaixonada pela Obra; 350\$ do Carlos Manuel, Vitor e Rui; mais uma lembrança de 100\$ do Carlos; e mais 100\$ a pedir oração; da Guarda, um cheque de 1.800\$; da Catumbela 350\$, mais 200\$, mais 150\$ e mais e mais. E agora, um pedacito de um livro: «Com muito amor e carinho vão mais umas palhinhas das mããs da maternidade de Benguela para os pequeninos do Gaiato, pedindo orações para os pequeninos seus filhos»: 370\$. Pelas mãos de um vendedor, 200\$. Mais 250\$, em Benguela. Uma lembrança de uma amiga em sufrágio da alma de seu saudoso marido. E 500\$ de alguém que quer ficar escondida. Outros 500\$ de «amigos muito sinceros». Muitas mais presenças não vêm aqui enumeradas. A todos o nosso muito obrigado.

Padre Manuel

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



PELAS CASAS DO GAIATO

CALVÁRIO

«MARIA PAPOILA» — Está conosco há pouco tempo. Tem sido fértil em peripécias. Desde a descrição que faz da «sua» vida até às suas reacções. Tão depressa ri como chora!

A última: Temos andado com um certo cuidado com alguns doentes a arrancar ervas daninhas que vão aparecendo no meio da relva transplantada. Entre eles andava a «Maria Papoila». Passou o sr. Padre Baptista e perguntou se andava cansada...

— Era para a «afinar»!

E «afinou» mesmo! Pois tratou de se justificar:

— «O sr. Padre quis dizer que eu não trabalhei nada... e eu andei toda a tarde a arrancar erva!»...

MUDANÇAS — Não é só a Natureza que muda. E nem vale a pena descrever tais mudanças ao longo do ano. O que vos queremos dizer é de um ser que vive no Calvário, feliz apesar de ser gago, sem pernas (foram-lhe cortadas). No que resta das duas, ainda tem chaga incurável numa delas.

Descrever a sua vida talvez ainda seja cedo para o fazer. Mas o homem cheio de tudo(...) modificou-se para dar lugar a um homem alegre e tão bem disposto! Dá a impressão de não ter sofrimentos. Por vermos casos iguais temos plena convicção de que sofre muito. Mas sofrer tão alegremente, decerto poucos se atreverão, nas circunstâncias vividas antes de entrar para o Calvário!

Só quem se «atrever» a perder a vida, confiado exclusivamente na outra Vida, pode dar testemunho de

tantos casos similares! Como era... como é hoje! Deus o sabe...

MAIS «DEGRAUS» — Cada ano que passa é mais um «degrau». Por vezes bem escorregadio! Para nós, do Calvário, este mês de Julho tem muito significado. Um deles já tiveram conhecimento pelo nosso Jornal. Referimo-nos ao passamento físico de Pai Américo. E outros «degraus» são: Mais um aniversário da primeira Missa de Padre Baptista; a inauguração da Capela da Comunidade de Beire. E o 15.º aniversário do Calvário.

Tantos por ele passaram! Apesar das nossas limitações, confiamos que a «escada» se torne acessível para a Glória de Deus. E para que os homens abram os olhos.

SERÁ AGORA?! — Depois das chuvas, a poeira... Pois é assim meus senhores!

Têm tapado buracos que vão aparecendo na entrada que nos serve... Já chamam ao saibro, de várias cores, um novo alcatrão! Isso é muito bonito — mas para quem tem de «gramar» a picada, quer ande a pé ou de carro?!... Ainda há bem pouco me dizia uma pessoa: «Preferia gastar mais dinheiro na gasolina, se o Calvário fosse a muitos quilómetros de Penafiel, do que gastar estes poucos minutos que tenho que passar nesta estrada...»! Ultimamente as motorizadas, carros e camionetas fazem um vai-vem fora do normal. Um movimento insuportável!... Não há dúvida — precisamos de melhorar o acesso para todos! Para já... temos que andar a abrir ou a desimpedir valetas para as águas pluviais não nos deitarem os muros abaixo. E, no verão, ou quando há tempo seco, temos de fechar as portas e janelas (e mesmo assim...) por causa das autênticas nuvens de pó! Fala-se tanto na pureza do ambiente... A nossa Casa — de doentes — precisa de mais consideração... O que nos vale a nós são os pinheiros e outras árvores!

Manuel Simões

SETÚBAL

PISCINA — A nossa piscina já está pronta para nos banharmos nela. Está grande, bonita e bem feita. Nós já tínhamos uma, mas como o número de rapazes não é sempre o mesmo — porque a Casa do Gaiato é uma porta aberta — estava-se a tornar demasiado pequena.

Vendo que assim era, o sr. Padre Acílio pensou em construir nova piscina. Falou-nos. Concordámos. Então, metemos mãos à obra.

FUGA E REGRESSO — O Analídio tinha fugido da nossa Casa há cinco semanas e voltou.

Voltou porque sentiu a falta do carinho das senhoras e a amizade dos companheiros.

Voltou à Casa materna que o criou desde os onze anos.

O Analídio, agora, tem dezassete anos. É carpinteiro; assim como o Aquiles, o Manuel, o «Pinheiro» e o António Manuel, que estão a cargo do Ernesto.

LAVOURA — O Ramiro, tractorista, já lavrou os terrenos do arroz e sr. Zé já os semeou.

Agora, podem-se ver, cá em Casa, os canteiros do arroz, de tom esverdeado e em crescimento.

FUTEBOL — O nosso onze estava já cansado de esperar que aparecessem equipas para o defrontar. Então foi jogar ao Zambujal, frente à equipa da Herdade do Pinheiro. Teve pouca sorte e perdeu por 4-1.

Também a nossa equipa de juniores não tem jogado. Por esta razão pedimos aos caros leitores que superintendam em equipas nos visitem. Serão bem recebidos. E faremos jogos muito agradáveis.

ESTUDANTES — O ano escolar já terminou. Poucos aproveitaram esta oportunidade!

Dos estudantes diurnos passou o Domingos Rodrigues, o Mário e o Júlio.

Dos nocturnos, também vários souberam aproveitar esta bela oportunidade.

AMIGOS — As senhoras de Palmela vieram até nós. Cosearam-nos a roupa róta e ofereceram o seu carinho e a sua amizade.

Já é costume virem na Primavera ou no Verão, e nestas estações a nossa Casa é um encanto!

Também vieram conviver connosco grande número de rapazes e raparigas da Quinta do Anjo.

Da parte da manhã tivemos um pequeno desafio de futebol com os rapazes que mais se ajeitavam. Fomos os vencedores.

Da parte da tarde foi o melhor do dia — a festa.

PRAIA — Já começámos a ir para a praia da Figueirinha, aos domingos.

Nós vamos todos os anos para a praia durante quinze dias, o que não é nada mau; mas para Galápos. É melhor que a praia da Figueirinha — na opinião de alguns.

João Maria

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O QUE RECEBEMOS — Ai vão as simpáticas migalhas dos nossos leitores. Segue na frente um assinante do Funchal, com um vale do correio de 50\$00. Depois, temos uma carta de Lisboa, com importância idêntica:

«Caríssimos irmãos em Jesus Cristo: Nas suas orações, peço que se lembrem de mim, junto de Jesus no sacrário. E uma prece muito especial, para sossego e paz do meu pobre espírito, que me encontro bastante atormentada. Que Deus os ouça com um alívio para o meu desassossego. Prometo nunca me esquecer de vós...».

Mais 50\$00 da Quinta do Arieiro, Coimbra. O mesmo de Vizela. Hoje é a procissão dos 50\$00!

Mais o costume da assinante 17740.

Passam, agora, 50\$ de um anónimo. O mesmo de Vila Fernando (Guarda). Mais em «intenção da alma das Avós Maria Rosa e Maria Augusta», do Porto. E mais Porto, assinante 11162.

Paremos um nadita: «Na fraternidade que nos une, envia 600\$ uma assinante do Seixal».

Que perseverança e discreção!

Presenças no Espelho da Moda: 50\$ da Rua Costa Cabral; remanescente do valor dum livro enviado ao assinante 32595; e mais 300\$ «de seis meses».

Mais uma oferta de leitor assíduo e muito amigo, da Beira — Moçambique. E Ermelo, com dádiva oportuna. E o costume de Médico muito amigo das Caldas da Rainha. E 55\$ de Farmaceutica, também muito amiga, de Rio Tinto. E um pedido cumprido, de Ovar. E, por hoje, mais nada.

Júlio Mendes

Setúbal

Eis-me finalmente regressado ao seio da «Família Gaia-ta», após uma peregrinação de quase dois anos por terras da Guiné. Embora um tanto desgostado e saturado, a verdura e o encanto que vim encontrar reinando por toda a parte, fizeram com que rapidamente me sentisse bem diferente. Um bocadinho mais espontâneo, mais comunicativo, mais alegre e com mais ânsia de me agarrar à terra onde, se não fui gerado — ... faltou apenas isso!... — fui outrossim criado, educado e instruído. E há 14 meses que aqui não punha os olhos. Tempo durante o qual a nossa Casa se transformou para melhor, muito melhor. Não a conheci, praticamente, quando aqui cheguei. A nova cozinha estava ainda em acabamentos. Hoje, linda, linda! Aventuro-me a dizer mesmo que poucas se lhe comparam, pelas comodidades e beleza. Da copa, havia umas résteas do que ela é hoje. Uns buracos abertos aqui e acolá. Hoje ela levanta-se numa profusão de mármore incrustados nas paredes numa harmonia suave que uma não menos suave mão delineou e outra executou. Ape-tece respirar, apalpar, sentir, dentro dela... e lembro a antiga copa, sempre negra e «massacrada» dos tachos e panelas que saíam do fogão a lenha — hoje um a gás de linhas elegantíssimas e efficientíssimo.

Os pratos e talheres eram lavados braçalmente, em amontoados de gordura e resmunguices — os castigados iam para lá... Hoje existe uma máquina de lavar louça. E que diremos do refeitório?!... Não tenho palavras que me dêem uma expressão adequada. Sei que gosto muito. Que me encheu por completo. Vinde ver com vossos olhos!... A piscina foi alargada e, diríamos melhor, totalmente remodelada. Pintada num azul a condizer com as águas — fundo e paredes e escoadores internos; num amarelo nos exteriores dos balneários; de verde por dentro. Está cheia, pronta para o 1.º mergulho. Será dado por quem mais trabalhou e mais sofreu para que ela fosse uma realidade. Andam-se a dar os acabamentos nos chuveiros — ditos na parte traseira da piscina —, a pavimentar o chão dos banhos e a concluir os escoadores exteriores que dão acesso aos despejos para a rega da quinta. Um sr. arquitecto — nosso amigo de há muito! — enquanto delineava a futura Capela do Lar, dava mais uns toques na piscina... deu também uns para... o futuro Parque Infantil — com esboços, relva, um lago e fontes... E os miúdos tanto precisam! «Batatinhas», abri os olhos para as coisas boas e bonitas que tendes!... Outros empreendimentos se seguirão. A adega foi remodelada também. Em suma, vim encontrar tudo diferente. Julguei mesmo — não fossem as casas de há muito queridas! — ter-me enganado na porta. Queria falar no Lar, também. Fica para a próxima...

